

GT23: As migrações e a perspectiva antropológica em contextos de mobilidades e imobilidades

Maria Catarina Chitolina Zanin, Gláucia Assis

Este GT, ativo nas Reuniões da ABA desde 2006, tem buscado refletir sobre os diferentes contextos das mobilidades, tanto nas dimensões históricas como contemporâneas, nacionais e internacionais. Nas últimas décadas, observa-se a mudança dos fluxos de mobilidade, com novas categorias jurídicas (migrante, refugiado, visto humanitário, solicitante de refúgio, asilado, entre outros) e nativas sendo atividades nos processos de trânsitos das fronteiras internas e internacionais. Pensando nos Estados (Estado-nação), mas também nas transnacionalidades e nas diferentes escalas de análise, propomos um GT que reflita acerca das possibilidades de diálogo entre essas dinâmicas e as perspectivas teórico-metodológicas da Antropologia. Com a pandemia mundial de Covid 19, observaram-se mudanças nas mobilidade e também nas imobilidades nacionais e internacionais, com fronteiras sendo fechadas por questões de segurança sanitária, o que gerou, e tem gerado, novas formas e mecanismos de vivência dos projetos migratórios e de mobilidade, em diferentes escalas. A proposta deste GT é agregar trabalhos que tenham como perspectiva refletir e analisar processos e políticas migratórias, considerando que raça, gênero, classe, geração, etnia, religiosidade e outros marcadores influenciam as vivências cotidianas dos sujeitos em mobilidade, bem como as formas de acolhida e de interações interculturais.

Sexualidade, gênero e diferença nas (i)mobilidades de brasileiros LGBTI+ nos Estados Unidos

Autoria: Bruno Nzinga Ribeiro

Nos últimos anos, as disputas, crises e alianças na geopolítica global têm provocado um progressivo endurecimento das políticas anti-imigratórias. No contexto das rotas que envolvem deslocamentos de brasileiros para os Estados Unidos, tais políticas têm operado por meio da restrição de concessão de vistos e do status de asilo e refúgio, da elevação das detenções nas fronteiras e da política de deportação por meio de cooperação bilateral. Nesse cenário, o mercado matrimonial, o turismo, os programas educacionais e de trabalho, as políticas humanitárias ou mesmo a burla às barreiras legais compõem um amplo conjunto de elementos acionados pelos sujeitos em meio aos seus projetos migratórios. Este é o pano de fundo da minha pesquisa de doutorado, ainda em fase inicial, em que eu intento explorar como sexualidade e gênero articulam-se a raça, classe e nação na constituição de (i)mobilidades vividas por brasileiros no contexto da migração para os Estados Unidos, com vistas a compreender como essas múltiplas diferenças atravessam essas experiências. O recorte empírico da pesquisa recai sobre migrantes "LGBT", dando seguimento a redes de interlocutores identificadas durante meu mestrado e estágio de pesquisa no exterior (processos FAPESP: 2018/02183-9; 2019/14435-5). Assim, tenho como estratégia de pesquisa a produção de uma etnografia multissituada, por meio da qual acompanharei os sujeitos a partir de diferentes redes, com foco na gestação e desenvolvimento dos projetos migratórios, na circulação por diferentes regimes de mobilidade e em como tais experiências se situam numa paisagem transnacional. Nesta apresentação pretendo discutir as fases iniciais da pesquisas, enfocando a literatura sobre migrações e diferenças e mobilizando material de trabalho de campo que está sem realizado neste momento, em um contexto de cooperação brasileira para a deportação de seus cidadãos indocumentados dos Estados Unidos e de efeitos importantes do aumento das políticas securitárias durante a pandemia.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

